

Surto de febre amarela é relacionado a hidrelétrica

Muitos pacientes atendidos em Brasília foram contaminados próximo ao local

SANDRA SATO e CHICO ARAÚJO

BRASÍLIA - A incidência de febre amarela silvestre em municípios de Goiás pode estar relacionada à construção do lago da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa. A relação entre o surto e a existência do lago é defendida pelo secretário de Meio Ambiente de Alto Paraíso (GO), Alan Gonçalves Barbosa.

De acordo com suas informações, 21 dos 25 pacientes atendidos em Brasília, desde janeiro, foram contaminados em municípios localizados na região da hidrelétrica. O último paciente diagnosticado no Distrito Federal contaminou-se fora dessa região, em Jaraguá (GO), na beira da Rodovia Belém-Brasília.

A diretora do Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, Alice Mochel, endossa essa opinião. "Eles são conhecidos como municípios da Serra da Mesa", diz ela. "Alguns deles já registraram diversos casos."

O Rio Maranhão, cujas águas formam o lago da hidrelétrica da Serra da Mesa, é uma referência na região para pescarias e caçadas, segundo a diretora do departamento. A maioria das pessoas contaminadas pelo vírus está situada na faixa etária dos 15 aos 56 anos, mora no Distrito Federal e se dirigiu à região da endemia para programas de lazer. O registro de casos de pessoas que se infectaram ao entrar na mata por motivos ligados ao trabalho é insignificante.

"Não há mais dúvida de que a doença está relacionada às mu-

danças ambientais que ocorreram na região", afirma Barbosa.

O secretário deverá pedir formalmente à empresa Furnas Centrais Elétricas S/A, responsável pela construção do lago, a realização de um estudo socioambiental para avaliar os prováveis danos ambientais causados pela obra. Outro objetivo do estudo seria analisar a relação entre a inundação da área e os casos diagnosticados.

Inundação - As obras da hidrelétrica, iniciadas em 1983 em Niquelândia, onde três pessoas foram infectadas por febre amarela desde o fim do ano passado, provocaram a inundação de 1.874 quilômetros

quadrados.

De acordo com o secretário, a inundação da área, que fica às margens do Rio Maranhão, causou desequilíbrio ecológico e afetou a população de macacos, provavelmente infectada, para outras áreas de Goiás. Os macacos são hospedeiros do vírus amarelo, transmitido aos seres humanos por mosquitos dos gêneros haemagogus e sabethes.

O mosquito vive até três meses e transmite a doença por meio das fêmeas, que precisam de sangue para se alimentar.

Temor - A contaminação de pessoas em municípios cada vez mais próximos de Brasília preo-

Documentação

MEIO AMBIENTE

Fonte: OESP

Data: 20/3/2000 Pg. A10

Class.: 09



cupa as autoridades da capital. "Planaltina de Goiás, onde foram registrados quatro casos, fica muito próxima da região rural de Planaltina e Sobradinho, duas cidades-satélites de Brasília", observa a diretora Alice.

A vacinação voltou a ser feita nessa área. Mas há dificuldades para vacinar a população. Muitas vezes os agentes de saúde não encontram o morador, que saiu para trabalhar – geralmente na mata.

Alice enfatiza que a vacina é ainda a única forma de prevenção contra a doença. Ela também recomenda a imunização para pessoas que moram fora da região endêmica, mas planejam viajar para lá. A vacina precisa ser tomada com dez dias de antecedência. A especialista ainda aconselha a população a não se deixar intimidar com a confirmação de que duas pessoas morreram por complicações após a vacinação contra febre amarela.

A vacina existe desde 1937. Só no Brasil, diz a diretora, foram aplicadas 30 milhões de doses e, no mundo, 300 milhões. Nesse período, registraram-se apenas 21 casos de meningoencefalite – inflamações nas meninges – em decorrência da vacina. Outro que recomenda a vacina é o entomologista da Gerência de Controle de Zoonoses do Distrito Federal, Nicolas Degallier. "É mais perigoso andar na rua com o seu carro, do que tomar a vacina."

O registro de dois casos de morte após a vacinação, um em Goiânia e outro em Campinas, colocou o governo em estado de alerta. A Fundação Nacional de Saúde tenta descobrir o que há de comum entre as duas vítimas e já convidou técnicos da Organização Pan-Americana de Saúde para investigar o caso. O governo teme a perda de credibilidade da vacina, atualmente o único meio de prevenção da doença.

Natureza é a única responsável pela doença, diz especialista

Segundo pesquisador, ciclo é sazonal e ocorre a cada período de 5 a 7 anos

BRASÍLIA – Para o entomologista e pesquisador Nicolas Degallier, a natureza é a única responsável pelo novo surto de febre amarela no País. "É um ciclo natural, envolvendo mosquitos e macacos", afirma. O problema é sazonal e ocorre a cada período de 5 a 7 anos, segundo o cientista.

Esse intervalo corresponde ao tempo que os macacos levam para reconstituir seus bandos. Quando há vírus da febre amarela em grande circulação na mata, quase todos os macacos – normalmente, guaribas e pregos – são dizimados. Às vezes, na região sobram apenas um ou dois casais, que levam anos para refazer a população

original. Os sobreviventes são imunes à doença e não têm como transmitir o vírus. Mas os filhos acabam sendo contaminados, dando início a outro ciclo, conhecido cientificamente como epizootia.

Para que ocorra um novo surto, é necessário haver crescimento na população de macacos, ao lado do aumento do número de mosquitos haemagogus. O clima úmido e quente favorece a propagação dos mosquitos, vetores de transmissão do vírus para os humanos.

Degallier não relaciona o surgimento da doença à construção da usina. Em sua experiência com a Hidrelétrica de Tucuruí (PA), o alagamento de áreas até contribuiu para reduzir o número de haemagogus. Isso porque esses mosquitos utilizam partes ocultas dos troncos das árvores para depositar seus ovos. (S.S. e C.A.)

Lindauro Gomes/AE



O macaco-prego é um dos responsáveis pela transmissão